

Editorial

COVID-19

Iniciamos o ano de 2020 em alerta máximo pelo surgimento de um novo vírus, da família coronavírus, com epicentro na China, mas com potencial de rápida disseminação para vários continentes por sua característica de transmissão respiratória. O vírus então detectado causa a doença recentemente denominada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como COVID-19.

Com todos os ingredientes necessários para uma pandemia, os organismos internacionais e nacionais passaram a monitorar o comportamento do vírus e a emitir alertas para que as ações previstas no Regulamento Sanitário Internacional (RSI) fossem desencadeadas pelos países signatários, entre eles o Brasil.

Em sintonia com o Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo prontamente organizou seu Centro de Operações Emergenciais (COE-SP), liderado pela Coordenadoria de Controle de Doenças, reunindo representantes do Gabinete do Secretário, das Coordenadorias de Regiões e Serviços de Saúde, Instituto de Infectologia Emílio Ribas, Hospital das Clínicas da FMUSP, Instituto Butantan, Secretaria de Estado da Segurança Pública, Anvisa, Covisa do MSP, e Conselho de Secretários Municipais de Saúde (Cosems-SP). Desde sua instalação, em meados de janeiro, o COE-SP mantém reuniões semanais em conexão com o COE nacional da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS). Decisões são tomadas e prontamente adotadas por todos os pares, como deve ser a dinâmica de uma Sala de Situação.

O estado de São Paulo é a maior potência econômica do país, porta de entrada e saída para intenso fluxo de viajantes nacionais e internacionais, principalmente por meio do Aeroporto Internacional de Guarulhos. Com essas características, como era provável, foi identificado na capital São Paulo o primeiro caso confirmado de COVID-19 do Brasil, em um paciente recém-chegado da Itália. Os sistemas de vigilância estadual e municipal prontamente adotaram o protocolo preconizado de monitoramento do paciente e seus comunicantes, incluindo passageiros e tripulação da aeronave.

Boletins diários atualizam o número de casos, reforçando as medidas preventivas e divulgando as principais fontes de informação com o objetivo de fortalecer os canais institucionais e combater as famigeradas fake news. O que o conhecimento científico produziu até agora aponta para algumas características do novo vírus: apesar do importante poder de disseminação, a letalidade tem se mostrado relativamente baixa.

Um evento inusitado como esse mobiliza a estrutura da Vigilância em Saúde e impõe aos seus profissionais o desafio de abraçar a “nova causa”, sem descuidar de problemas em curso, como a reintrodução da circulação do vírus do sarampo, o resgate das coberturas vacinais a patamares ideais para a proteção das pessoas, a vigilância da febre amarela, o enfrentamento das arboviroses urbanas e o monitoramento dos eventos e agravos decorrentes dos desastres naturais.

Costumamos dizer que as doenças são muitas, novas e antigas, mas os profissionais na linha de frente são os mesmos: altamente especializados, mas em número reduzido. A atual gestão já definiu como uma de suas prioridades o investimento em tecnologias que permitam auxiliar o trabalho de forma que essas mentes possam estar voltadas para a inteligência em saúde. Trata-se de uma importante medida porque em um mundo globalizado, compartilhamos a cultura, os bens de consumo, a tecnologia e também os microrganismos que causarão novas doenças. Teremos que estar preparados, aqui no nosso front paulista, para dar as melhores respostas para a proteção da saúde da população.

*Paulo Rossi Menezes
Editor*